

**O DISCURSO LAUDATÓRIO  
EM MATTHIEU DE VENDÔME**

Maria Lúcia Mexias-Simon  
[mmexiasimon@yahoo.com.br](mailto:mmexiasimon@yahoo.com.br)

I. A estilística é uma ciência tanto quanto a lingüística e a gramática; é explicável por um meio, um modo, uma doutrina, como nos afirma Faral (1971). Seus fatos podem ser definidos objetivamente. O estudo desses fatos deve ser precedido da definição das influências a que os autores foram submetidos enquanto escreviam. Isto quer dizer que, para tratar de arte por um método histórico, é preciso considerar o sistema estético predominante na época. Quem quer compreender, por exemplo, a *Chanson de Roland* deve considerar seus princípios normativos, não pelos teóricos modernos, mas de acordo com as teorias que prevaleciam nos séculos XI e XII.

O exame comparado das obras de uma mesma época revela o respeito por certas regras, não expressas claramente nas obras, mas dedutíveis. Esse é um dos recursos de que dispomos para o exame de tais regras. Outro recurso seria a leitura dos comentários dessas mesmas obras. Podemos também recorrer aos tratados, onde os princípios da arte de escrever foram codificados.

Esses tratados são de várias espécies: alguns se referem à oratória, em geral; outros tratam da oratória sacra — são as *artes sermocinandi*; há os que tratam da arte epistolar — *artes dictandi*; há os que se referem à literatura de imaginação — *artes poeticas*. Entre essas espécies há relações estreitas e muitos princípios idênticos aparecem em uns e em outros. Mas é válido, pela diferença de destinação, estudá-las separadamente.

Inicialmente, devemos separar o conceito original de *ars* do termo *arte* no sentido moderno. *Ars* era o conjunto de regras que ensinavam a fazer, com acerto, qualquer coisa. A etimologia antiga relacionava *ars* com *artus*, estreito: as artes incluíam tudo em regras estreitas. Os pensadores antigos equiparavam as artes às sete colunas da sabedoria, enquanto viam na Natureza a origem de todas as artes (Curtius, 1957, p. 58).

## LIVRO DOS MINICURSOS

Para saber qual o valor documental das obras que tratam das artes poéticas, temos dois testemunhos: o primeiro é de Evrard l'Allemand, quando enumera, em seu poema didático – retórico, *La-borintus*, os livros mais reputados na sua época (entre eles a *Ars ver-sificatoria* de Matthieu de Vendôme); o segundo testemunho é o de Gervais de Melkley, no seu tratado sobre a arte dos versos, quando nomeia seus predecessores dizendo: "*Matthaeus Windocinensis plene. Gaufrerus Vinesauf plenius. Plenissime vero Bemardus Silvestris, in prosaico psittacus, in metrico philomela*" (Faral, 1971, p. XII-I).

Baseados nessas opiniões podemos reconhecer as obras tidas como essenciais para seus contemporâneos. As doutrinas que se expressam nesses tratados oferecem um interesse real, mas não por seu valor absoluto; sua filosofia é insatisfatória. Mas, por fracas que sejam, no que se refere à teoria, seu valor histórico é indiscutível. Não são apenas elucubrações estéreis; muitos escritores se basearam nelas; são importantes para a história da literatura; estabelecem regras que foram mais importantes na Idade Média, mas que nunca desapareceram totalmente.

2. A língua latina, originalmente falada pelos habitantes da região do Lácio, na Península Itálica, implantou-se em vasta região da Europa, por meio de conquistas militares e do conseqüente domínio cultural e político dos romanos, a partir do século III AC.

Essa língua nunca foi una; sempre coexistiram a modalidade escrita, usada pelas pessoas cultas (latim clássico) e a modalidade oral, coloquial, empregada em situações menos formais (latim vulgar). Ambos os registros foram transplantados, por necessidade administrativa, a toda a România. Com a descentralização do poder político sediado em Roma, a migração dos povos chamados bárbaros e o início da formação dos estados modernos, a língua latina persistiu como fator de unidade da România, ainda por séculos.

Os líderes germanos (bárbaros) cuidaram de manter a língua latina como único meio de comunicação, como idioma veicular de cultura. Logo que consolidavam seu domínio, cercavam-se de mestres de gramática e de retórica, de juristas, de poetas. Mandavam compor em latim as suas leis, documentos e cartas. Uma elite romana, leiga, instruída continuou a existir e a atuar até os arredores do

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

século VIII. O latim da vida diária, por essa época, é *mau* pelas normas instituídas, mas ainda é latim.

Por volta do ano 800, o que era mudança de registro (latim clássico x latim vulgar) começou a se tornar mudança de língua. Os textos nos permitem conhecer somente um desses caminhos divergentes e não possuímos quase nenhum testemunho da língua falada. Os característicos do registro falado se refletem na língua escrita na proporção em que ela é mais ou menos literária, ou deliberadamente popular, com a finalidade de ser compreendida pela multidão (sermões, relatos de peregrinação, vidas de santos, etc.). São também redigidos em latim *simplificado* os textos legais: leis, diplomas, atas, formulários etc. Para esses, porém, a tradição, as formulas fixas, atuam em sentido contrário, como fator arcaizante.

No século IX, a Europa está envolta em um bilingüismo que presidirá durante mais algum tempo, sua vida intelectual. O latim aparece como língua superior, empregada pela Igreja, pelos meios intelectuais, pela administração. No aspecto literário se reconhece ao latim, principalmente na poesia, uma superioridade que durará até o século XII. As línguas vulgares, fora do uso cotidiano, só muito lentamente conseguem impor-se na escrita; esse fato apenas vai ocorrer por razões didáticas, para pessoas que desconheciam o latim.

O cristianismo veio introduzir um conjunto de novos conceitos ligados tanto ao dogma e à teologia, quanto à moral e ao sentimento, à organização da Igreja e ao exercício do culto. Foi preciso dar nome a esses conceitos, sentimentos e instituições. Como o cristianismo chegou à Roma vindo do leste, trouxe várias contribuições gregas; a princípio, termos tidos como eruditos, mas, logo a seguir, captadas pelos estratos populares. Formaram-se expressões encontradas somente nos textos de autores cristãos (por exemplo, os verbos em *-ficare*). Por outro lado, certos termos passaram os limites dos textos religiosos (como p. ex. parábola). Essas palavras e construções foram-se formando, paulatinamente, no seio de comunidades fechadas e ameaçadas, de sorte que, alguns termos vêm fortemente marcados por uma ênfase despertada pelo sentimento religioso e pelo sentimento de perigo. Essa língua de seita foi-se apurando até converter-se em língua literária. Quando o cristianismo triunfou das perseguições e se converteu em religião oficial, difundiu-se por vários

## LIVRO DOS MINICURSOS

países uma espécie de língua cristã, definida por termos e expressões propriamente cristãos. Ao desmembrar-se progressivamente o Império Romano, a religião se converteu no fator de unidade mais importante e a língua cristã pôde manter certa coerência. Alguns autores, como H. F. Müller, falam, com certo exagero, de uma KOINÉ pré-românica (Wolf, 1971, p. 61). O cristianismo pregava a linguagem simples, falada ou escrita, por questões práticas, para que o povo pudesse entender. Já Cícero usava o denominava *sermo humilis*, quando tratava de questões referentes a dinheiro.

*Humilis* (derivado de húmus) era a palavra adequada à vida de Cristo. A humilhação voluntária, exaltada pelos Evangelhos e por São Paulo, era a proposta feita aos cristãos. As escrituras eram redigidas em latim simples, tido como pueril pelos cultos e como sublime, pelos cristãos. Criou-se uma função nova de linguagem, a de convencer e captar as massas, fundando uma retórica popular.

A humanidade separava-se pela grandeza da revelação e era a sua condição necessária. Assim, passaram, pelo menos os autores cristãos, a escrever em latim para um público mais amplo.

A religião cristã levou termos latinos além das fronteiras românicas (exemplo – o alemão *Pfund*, o inglês *pound* relacionam-se ao latim *pondus*). O vocabulário cristão penetrou na região ao sul da Alemanha por volta do século VI, como ação dos missionários chegados de Roma. O mesmo ocorreu na Inglaterra, a partir do século VIII. A complexidade do desenvolvimento desse fenômeno explica a diversidade apresentada nos aspectos lingüísticos.

O cristianismo representou aqui uma revolução mental mais profunda e surpreendente ainda que a realizada nos países inscritos no âmbito greco-romano. A idéia de um Deus único (que é também Pai,) a idéia de seu reino (que não é deste mundo), os conceitos de tentação, pecado, caridade etc., eram noções que não tinham vigência no espírito dos germanos pagãos. A solução foi adotar termos de origem grega ou latina. A língua eclesiástica procurou, dessa forma, combinar a influência missionária com as mentalidades locais.

Por volta de 800, a situação lingüística da România e mesmo fora dela, apresenta peculiaridades. De um lado, língua corrente, que é, de fato, um conjunto dialetal confuso, de formas em estados de

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

evolução diversos, todos na órbita do latim; de outro lado, aparecem falares divergentes, a partir do germânico. Nessa última esfera, não havia fatores de unificação como a escola, a administração e a literatura que fizessem possível a permanência de um latim *literário* ou *clássico*. Com a invasão da România, esses fatores se desvaneceram. Porém, além dos destinos divergentes dos ramos itálico e germânico do indo-europeu, existiu uma civilização que, ao longo, dos séculos, fez distante a separação e contribuiu para a formação de alguns reagrupamentos linguísticos.

O cristianismo e o clero foram elementos de união em um mundo que sofria diversos modos de desagregação e confusão. Na România, a religião formou uma língua comunitária que, com o avanço da doutrina, se tomou língua comum. Como já foi dito anteriormente, o papel da linguagem valorizou-se e inverteram-se as hierarquias linguísticas tradicionais, estendendo-se, além da România, expressões de pensamento que lhe eram próprias.

Carlos Magno, franco de nascimento, foi coroado, pelo papa, imperador dos romanos (natal de 800). Consciente de suas responsabilidades como imperador cristão, fez abrir escolas, onde o clero teve a possibilidade de conhecer o dogma e de, ao mesmo tempo, educar o povo cristão de maneira elementar. Embora essas escolas fossem pouco numerosas, sua existência tomou possível a redação de manuais e a formação de bibliotecas. O resultado dessa ação cultural foi chamado o *Renascimento Carolíngio*. Atendendo-se a considerações linguísticas e pelos critérios do latim literário, não se pode questionar a validade dessa denominação; a língua dos documentos se fez mais correta e novamente se redigiram obras propriamente literárias. O próprio Carlos Magno aprendeu latim, a ponto de falá-lo com fluência (Wolf, 1971, p. 116).

Ao colocar-se o problema de que língua se deveria usar para o culto e a oração, Carlos Magno foi partidário de uma tendência unitária: fez adaptar a liturgia romana e acrescentar orações e ritos francos e espanhóis. Esse sistema foi, em geral, o adotado. Restava o problema dos sermões. Uma solução simplista seria o uso exclusivo do latim, e várias discussões travaram-se a esse respeito. O Concílio de Tours (813) determina o uso de língua vulgar, românica ou germânica. Temos assim, por um lado, uma volta à tradição clássica,

## LIVRO DOS MINICURSOS

por outro, o reconhecimento de uma personalidade própria às línguas vulgares, a qual no futuro não deixará de acentuar-se.

As literaturas em línguas germânicas floresceram antes das literaturas em línguas românicas. Dessas últimas registram-se os fatos inaugurais: Na França, *Juramento de Estrasburgo*, *Cantilena de Santa Eulália*, os poemas de Clermont e o *Boecis* (esse editado cerca do ano 1000); na Itália, alguns testemunhos em processos rurais, tão somente; na Espanha, alguns versos em língua românica, e, no final de alguns poemas em árabe e em hebreu, versos que dão uma vaga idéia da língua falada pelos moçárabes.

Conclui-se ser a distância entre a língua vulgar e a língua latina menos considerável na România, que no mundo germânico. Um maior número de leigos teria, provavelmente, acesso à compreensão de obras escritas em latim, ou não sentiam a necessidade de registrar por escritos os textos que lhes eram recitados ou cantados. A tomada de consciência lingüística apareceu menos vigorosa e clara.

Não é fácil qualificar o latim medieval. Não é língua morta, já que é usada pelos clérigos, pelos intelectuais e nas relações internacionais. Não é língua literária, pois essa deve se nutrir da língua corrente e viva. Propõe-se denominar o latim da Idade Média como *língua estilizada*, língua viva, sem pertencer a uma comunidade étnica determinada, língua de comunicação de uma elite, fundamentada em uma tradição religiosa e cultural, língua, enfim, que ocupa o primeiro lugar na escrita e um lugar secundário na fala.

Esse latim recebe as influências das línguas vulgares, que também eram próprias dos eclesiásticos, porém, exerceu influência ainda maior sobre elas. O bilingüismo se deixou sentir de modo real e progressivo. A grande massa da população ouve falar latim, porém emprega as línguas vulgares. Essas línguas foram-se individualizando até receber nomes particulares. Essas denominações serão tão mais específicas, quanto mais tardia a tomada de consciência lingüística e quanto mais próxima está do latim a língua recém-dominada.

A florescência desde os séculos XII e XIII das línguas vulgares de modo algum, significa o estancamento ou retrocesso da literatura latina. O homem comum, assim como o instruído, sabe que há duas línguas: a do povo e a dos letrados. A língua dos letrados passa

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

como língua artificial, imutável, inventada por sábios. Durante séculos, permaneceu o latim como língua viva do ensino, da ciência, da administração, da justiça e da diplomacia. “O período em que as línguas românicas cristalizam-se e afirmam sua nova personalidade é também aquele em que o latim medieval alcança seu apogeu” (Wolf, 1971, p. 193). Foi aí que se realizou uma fusão, um equilíbrio entre os elementos que o constituem: tradição clássica, veia cristã e influência das línguas vulgares. A proporção entre esses elementos varia de um autor a outro e os neologismos de origem vulgar não são os mesmos em toda parte. Apesar de tudo, o latim medieval vive sua própria vida e oferece as incomparáveis possibilidades de uma língua comum em toda a Europa. A solidez do ensino do latim se mede pela qualidade dos resultados: no conjunto dos textos dos séculos XII e XIII, as flexões de declinação e de conjugação são empregadas com exatidão, as concordâncias respeitadas; a sintaxe possui notável elegância. Há exceções, naturalmente, entre elas, a do baixo clero. Conhece-se, a par de outras, a história do pobre cura que, interrogado sobre a primeira oração do *Cânion* da missa (*te clementissime Pater supplices rogamus ac petimus*), se confessa incapaz de traduzir a palavra *clementissime*, assim como também de dizer o caso gramatical de *te*; à pergunta – que palavra a rege? – respondeu: “*Pater*, pois o Pai rege todas as coisas” (Wolf, 1971, p. 195). Porém temos que admitir: nos dias de hoje, em que o ensino se generalizou, o conhecimento da gramática não vai muito além do nível dessa anedota.

Ao contrário, pelos textos que nos chegaram, temos uma idéia da qualidade do ensino superior do latim. Em Bernardo Clairvaux, por exemplo, encontra-se uma prosa hermética, reforçada por efeito de ritmo e aliterações devidas ao seu desejo de plasmar o anelo místico. A correspondência de Abelardo e Eloísa nos surpreende por sua pureza, sua elegância, até o ponto em que nos tentamos a ver nestes gritos do coração (e do corpo) um exercício de retórica. Obviamente, sempre se colocará o problema da transmissão, da autenticidade do texto e da pureza. O material em estudo deve sempre ser submetido a tratamento. Essa ação requer grande cuidado e há que se ter prudência nas conclusões, notadamente quanto aos casos de supercorreção.

Feitas essas ressalvas, constatamos que o latim, como língua de cultura, teve longa sobrevida. Na França, só em 1539, foi abolido por Francisco I, como língua dos tribunais. Mesmo como língua lite-

## LIVRO DOS MINICURSOS

rária, o latim perdurou por muito tempo, ao fim da Idade Média. Dante, Petrarca e Bocaccio escreveram tanto em italiano como em latim. Os grandes autores latinos do século XII encontravam ainda leitores ardentes nos séculos XVI e XVII. A literatura latina continuou agindo ao lado e dentro dos grandes movimentos do princípio dos Tempos Modernos – Humanismo, Renascença, Reforma, Contra reforma. Império Alemão e Império Romano, pensamento histórico, pagão e eclesiástico, agostiniano e dantesco são algumas das curiosidades encerradas no pensamento de Roma. Todas elas foram, entretanto, formuladas e divulgadas na língua de Roma, tornada a língua da Bíblia, dos Padres, da Igreja, a língua canônica dos autores romanos e, finalmente, da ciência medieval. Pertenciam, todas elas, ao quadro da Idade Média, fazendo-lhe a opulência.

3. Conhecemos da vida de Matthieu de Vendôme um certo número de fatos fornecidos por suas próprias declarações. Podemos estabelecê-los em ordem cronológica, mas sem uma datação absoluta; a margem de probabilidade é de cerca de 20 anos, para mais ou para menos, no estágio atual de nossas informações.

Nascido em Vendôme, foi logo para Tours, onde foi criado por um tio. Fez seus primeiros estudos sob a direção de Bernard Silvestre. De Tours partiu para Orléans, quando aí governava Hugues le Primat. Em Orléans, começou a ensinar gramática, mas, por perseguição de inimigos, especialmente d'Arnoul, o qual ele acusa de ciúme, deixou Orléans por Paris, pouco depois de ter acabado sua *Ars versificatoria*. Ficou cerca de dez anos na nova residência. Como já possuísse uma abundante produção literária e aspirasse ao repouso, voltou a Tours e se colocou sob a proteção do bispo Barthélemy e do irmão deste.

Daí em diante, nada mais sabemos de sua vida. Para ligar esses fatos a uma data mais ou menos precisa, só possuímos a menção feita ao bispo Barthélemy e seu irmão, no poema *Tobias*.

Há possibilidade de situar o *Tobias*, graças ao período de bispado de Barthélemy. A obra pode ser datada de 1185, o que dá uma margem provável de quinze a vinte anos mais, da época em que Matthieu voltou a Tours. Com a ida de Matthieu para Paris, sem dúvida, dez anos antes, pode datar assim a composição de *Ars versificatoria* de antes de 1175.



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Entre 1145 e 1153 escreveu, Bernardo de Tours, a sua obra *De universitate mundi*, um elo na cadeia de ouro que liga a Antiguidade à produção literária do século XII, composta principalmente de poéticas, iniciada por volta de 1170, com Matthieu de Vendôme e que se prolongou até o século XIII.

Na lista das obras de Matthieu citaremos em primeiro lugar aquelas cuja autoria não é comprovada:

1 – <i>Hermaphrodite</i>	4 – <i>Traité des synonymes et des homonymes</i>
2 – <i>Miles gloriosus</i>	5 – <i>Alda</i>
3 – <i>Lydia</i>	

A relação das obras cuja atribuição é certa foi apresentada pelo próprio Matthieu, no prólogo de uma coletânea sua, de modelos de cartas. Por essa relação, fica-se sabendo que Matthieu e o autor de:

1 – <i>Milo</i>	10 – <i>Callisto</i>
2 – <i>Lenticula et Sucrio</i>	11 – <i>Baucis</i>
3 – <i>Epigramma patris auctorum</i>	12 – <i>Byblis</i>
4 – <i>Metra rhetorici conflictus</i>	13 – <i>Enlèvement de Proserpine</i>
5 – <i>Éloge de la bière</i>	14 – <i>Pyrame et Thisbé</i>
6 – <i>Phèdre et Hippolyte</i>	15 – <i>Summula metrica</i>
7 – <i>Jupiter et Europe</i>	16 – <i>Recueil épistolaire</i>
8 – <i>Histoire de Cadmus</i>	17 – <i>Tobias</i>
9 – <i>Hermaphrodite</i>	

Foi Matthieu o primeiro teórico a querer, conscientemente, ser moderno. A sua personalidade ainda está muito pouco estudada, para que possamos dizer que motivos levaram esse pedagogo livresco a tal atitude. Em todo caso, ele não participou mais da entusiástica veneração pelos antigos, que encontramos em seu contemporâneo, Alano. Foi um moderno, a achar que os antigos tinham sobrecarregado suas narrativas poéticas com excesso de comparações, figuras retóricas e digressões. “*Hoc autem modernis non licet.*” (Curtius, 1957, p. 52)

O poema *Descrição de César* de Matthieu de Vendôme é, na verdade, parte de um grande poema didático, onde Matthieu tece suas composições de acordo com rígidos padrões, tencionando mostrar *como se faz*. Consta de quinze dísticos elegíacos, isto é, quinze pares de versos, sendo o primeiro hexâmetro e o segundo pentâmetro. Uma metáfora corrente na Idade Média chamava o pentâmetro *armiger* (escudeiro) por aparecer ao lado de seu senhor, o hexâmetro (Curti-

## LIVRO DOS MINICURSOS

us, 1957, p. 128). A função do pentâmetro, pelas normas, é a de realçar, completar a idéia exposta no hexâmetro. Em Matthieu, como podemos observar, ocorre também a união, pelo sentido, de dois ou mais dísticos e não só dos pares de versos entre si.

Isidoro de Sevilha (*Etimologia* VI, 8, 7, *apud* Curtius, 1957, p. 135) tinha condenado o estilo panegírico como invenção do leviatão e mentiroso povo grego. Porém, já em seu tempo e durante toda a Idade Média, havia grande procura de poesias laudatórias aos grandes seculares e eclesiásticos. No caso de panegíricos a homens comuns, a técnica prescrevia a gloriosa exaltação dos antepassados, dos feitos da juventude e da maturidade. Um dos chamados *topos*, nos discursos de louvor, é o binômio sabedoria-valor, formando uma figura nova, diferenciada, "a aliança entre Marte e as musas", de que falavam os antigos. Matthieu emprega, também, freqüentemente o *topos* *grandeza de alma*; recomenda, ainda, o emprego de palavras raras. O discurso de gala, objetivando o elogio, influi vigorosamente na poesia medieval. Nesse campo, notabiliza-se Matthieu como ideal de estilística, na época tida como moderna, como dissemos anteriormente.

Vejamos o texto:

1 – *Fulgurat in bello contantia Caesaris, obstat*

2 – *Oppositis, frangit fortia, saeva domat.*

Fulgura na guerra a constância de César rompe as maiores dificuldades, apazigua as situações cruéis.

3 – *Ejus in afflictos pietas tepet, hostibus hostem*

4 – *Se probat et mitis mitibus esse studet*

A piedade dele tem amor aos aflitos, mostra-se inimigo aos inimigos e procura ser manso para com os mansos

5 – *Praeradiat virtute duces, equestris*

6 – *Officii, pretio vernet, honore praeit.*

Brilha, pela virtude, ante os chefes, modelo da arte eqüestre, floresce pelo valor, está à frente pela honra.

7 – *In vetitum praetendit iter, suspirat ad usum*

8 – *Militis, ad requiem torpet, ad arma volat.*

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No caminho inacessível combate, suspira pelo exercício da arte militar, enlanguesce ao repouso, voa às armas.

9 – *Bella sitit, gladium lateri confoederat, ejus*

10 – *Virtus defectus néscia, terga fúgae.*

Deseja ardentemente a guerra, mantém a espada na cintura, sua virtude não conhece defeitos, suas costas não conhecem a fuga.

11 – *In gladium sperare juvat, jus judice ferro*

12 – *Metitur, gladio praeside carpit iter.*

Apraz ter esperança na espada, mede-se o direito pelo ferro julgador; com o gládio protetor abre o caminho.

13 – *Caesaris ad nutum nutat fortuna, bifformes*

14 – *Casus céu risum prosperitatis habet.*

Ao aceno de César acena a fortuna, ele sustém as duas formas, o fracasso, como também o risco da prosperidade.

15 – *Caesar in adversis surgit, nec mergit honorem*

16 – *Vultus iratae prosperitatis hiems.*

César surge nos infortúnios e não desfaz a grandeza da face o inverna da adversidade.

17 – *Saeva premit, plácidos fovet, et libramine júris*

18 – *Compensat pacis nequitiaeque vices.*

Enfrenta as ocasiões selvagens, protege os tranqüilos e, com o empenho do direito, equilibra as alternâncias da paz e da maldade.

19 – *Jura pie sociat moderantia, dum pietatis*

20 – *Blanditiis ferrum judiciale tepet.*

Reúne piamente os direitos da moderação, enquanto tempera o ferro da justiça com os afagos da piedade.

21 – *Militat ergo modus, pietas ne jura supinet*

22 – *Et ne jura pium diffiteatur opus.*

Portanto, pratica a moderação, para que a piedade não submeta os direitos e nem negue os direitos, a obra pia.

23 – *Impetii gravitas mentem non pauperat, immo*

24 – *Ad partes virtus particulata volat.*

## LIVRO DOS MINICURSOS

A gravidade do poder não empobrece o pensamento, pelo contrário, o valor dividido voa a cada parte.

25 – *Dotibus ingenium vemat, non exsulat artes,*

26 – *Nec studium regimen imperiale fugat.*

O Engenho floresce pelos dotes, não expulsa as artes nem o governo do Império afugenta o estudo.

27 – *Non jubam obtenebrat morum praelatio sceptri,*

28 – *Mentis honor, titulus sanguinis, agger opum.*

A prerrogativa do cetro não obscurece o brilho dos costumes, a honra da mente, o título de sangue, a trincheira necessária.

29 – *Ambitiosa sitis fidei non derogat, immo*

30 – *In regnante sapit deliciosa fides.*

A ambiciosa sede da fé não diminui, antes, no governante, a fidelidade sabe à delícia (*Ars versificatoria* I, 51. In: Faral, 1971, p. 106-193. Tradução nossa)

O poema foi composto em latim escolástico, o latim *correto*, até porque tem função didática, a função de ensinar como se faz uma descrição de soberano, ao lado de outras descrições abordadas por Matthieu em sua *Ars versificatoria* (descrição da matrona, de papa etc.).

O dístico elegíaco era o esquema métrico universalmente utilizado pela poesia latina da Escola de Orléans, no século XII, salvo raras exceções. O recurso da rima, dentro dos princípios da prosódia clássica, era assentada na quantidade das sílabas. Era também raro o uso da elisão.

Pode-se observar diversas ocorrências de aliteração:

"*C*onstância *C*aesaris" (v. 1) "*f*rangit *f*ortia" (v.2)

"*c*asus *c*eu risum" (v. 14) "*v*irtus *p*articulata *v*olat" (v. 24)

São ainda mais freqüentes as ocorrências de vários casos da mesma palavra ou de palavras de formas vizinhas, diferindo apenas por uma terminação, ou por uma ou duas letras, no mesmo verso, ou no mesmo dístico:

"*h*ostibus-*h*ostem" (v.3) "*m*itis-*m*itibus" (v. 4)

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

"jus-judice" (v. 11)

"pie-pietatis" (v.19)

"nutum-nutat" (v.13)

"partes-particulata" (v.24)

Quanto aos recursos sintáticos da composição, o que primeiro nos prende a atenção, é a ausência quase total da hipotaxe. A não ser nos versos 19-20 (*dum pietatis/blanditis ferrum judiciale tepet*), não se encontram orações subordinadas. As virtudes de César são apresentadas justapostas, em composição paratática quase exclusivamente.

O vocabulário é, como já foi dito, o preconizado pelo latim escolástico. Empregam-se antíteses:

"hostibus – mitibus" (v. 3-4)

"ad requiem torpet – ad arma volat" (v. 8)

"virtus – defectus" (v. 10)

"casus céu risum prosperitatis" (v. 14)

"honorem/vultus – iratae prosperitatis hiems" (v. 15-16)

"pacis nequitiaeque" (v. 18)

"pietatis/blanditiis ferrum judiciale tepet" (v. 19-20)

"gravitas mentem non pauperat... ad partes virtus... volat" (v. 23-24)

"...sitis fidei non derogat...sapit deliciosa fides" (v.29-30)

A mesma ideia pode aparecer reiteradamente no decorrer do poema:

"saeva domat – saeva premit" (v. 2 e 17)

"gladium lateri confoederat – gladio praeside carpititer" (v. 9 e 12)

"mitis mitibus esse studet – placidos fovet" (v. 4 e 17)

"libramine juris/compensat pacis nequitiaeque vices – jura pie social moderantia, dum pietatis/blanditiis ferrumjudiciale tepet-militat tergo modus" (v. 17-18; 19-20; 21)

"Fulgurat in bello constancia caesaris – suspirat ad usum militis – bella sitit" (v. 1-7, 8-9)

## LIVRO DOS MINICURSOS

Aparecem idéias em gradação:

*"Non jubam obtenebrat morum praelatio sceptri / Mentis honor, titulus sanguinis, agger opum"* (v. 27-28)

*"...suspirat ad usum/militis, ad requiem torpet, ad arma volat"* (v. 7-8)

A quebra do que hoje se chama ordem direta (sujeito + verbo + complemento; substantivo + atributo) deve-se não só à riqueza das flexões nominais latinas, como também à necessidade de adequação ao ritmo do verso, com base na *quantidade* da sílaba:

*"Eius in afilictos pietas tepet..."* (v. 3)

*"...nec mergit honorem / vultus iratae prosperitatis hiems"* (v. 15-16)

*"Jura pie saciat moderantia..."* (v. 19)

*"Et ne jura pium diffiteatur opus"*, (v. 22)

Uma das características observadas é o emprego do neutro plural do adjetivo, quase com sentido de substantivo coletivo:

*"frangit fortia"* (v. 2)

*"saeva premit"* (v. 17)

Não aparecem adjetivos referentes diretamente a César.

Os adjetivos são poucos e se relacionam a substantivos, pode-se dizer genéricos, tornados até em alguns casos, em sentido metafórico:

*"equestris officii"* (v. 5-6) *"vetitum... iter"* (v. 7)

*"iratae prosperitatis"* (v. 16) *"ambiciosa sitis"* (v. 29)

*"virtus particulata"* (v. 24) *"agger opum"* (v.28)

*"regimen imperiale"* (v. 26) *"judice ferro"* (v. 11)

Os atributos são geralmente, formados por substantivos em genitivo, para as quais, em português, necessitamos formar uma *locução adjetiva*:

*"constantia Caesaris"* (v. 1) *"suspirat ad usum/militis"* (v.7-8)

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

"*risum prosperitatis*" (v. 14) "*honorem vultus*" (v. 15-16)

"*imperii gravitas*" (v.23) "*mentis honor*" (v.28)

"*titulus sanguinis*" (v.28) "*sitis fidei*" (v.29)

Em outros casos, o atributo concorda com o caso do substantivo a que se refere, podendo-se, para isso, tomar substantivos adjetivados:

"*gladio praeside*" (v. 12) "*Jura moderantia*" (v. 19)

As virtudes de César são, principalmente, assinaladas pelos verbos empregados, todos na 3ª pessoa do singular, como não podia deixar de ser, em texto descritivo. O caráter paratático do texto afugenta o aspecto de futuro, as formas nominais e o modo subjuntivo. Os verbos, em grande quantidade, prendem-se ao presente do indicativo.

Alguns desses verbos ligam-se etimologicamente a substantivos:

*fulgurat – vernat – torpet – sitit – confoederat – nutat* (para dar somente alguns exemplos).

O vocabulário é rico em expressões da arte militar:

*in bello – hostibus hostem – equestris officii – iudice ferro – ferrum judiciale -etc.*

O autor usa verbos também para realçar o brilho da figura de César:

*Fulgurat – praeradiat – vernat – juvat – non pauperat – non obtenebrat.*

Ao lado do valor é claramente colocada a *temperança*:

*Jus...metitur – libramine juris/compensat pacis nequitiaeque vices – jura pie sociat moderatia-ferrum judiciale tepet-militat...modus.* (v. 11, 12; 17, 18, 19-20; 21)

O autor inicia a descrição pelas qualidades de César no que se refere a sua coragem na guerra, até mesmo a sua ansiedade pela guerra, a guerra mais difícil, quando ele irá à frente de outros condutores, e procurando por façanhas que ninguém ainda terá praticado

## LIVRO DOS MINICURSOS

(*in vetitum praetendit iter*). Mas a sua coragem não significa crueldade, ao contrário (*mitis mitibus esse studet; plácidos fovet*). A *espada*, que é diversas vezes mencionada no texto, tanto é *juulgadora*, como protetora, como *desbravadora de caminho*; tanto *castigo da adversidade*, sem abandonar os *afagos da piedade*.

O outro instrumento mencionado, ao lado da espada, é o *ceetro*. O autor deixa, aqui, bem claro, não estar César vaidosamente cego pelas prerrogativas do cetro, antes, pelo contrário, mais brilhantes que o cetro são o brilho dos costumes, a honra da mente, o título do sangue.

As palavras *fé* e *piedade* aparecem reiteradamente; não têm, evidentemente, a conotação que lhes deu o cristianismo, por se tratar da descrição de um imperador pagão; são antes, sentidos na acepção de *constância* e de *justiça*, ou de *sensatez*, respectivamente.

Matthieu de Vendôme, nessa descrição, desenvolve o binômio *sabedoria* – *valor* de que se falou inicialmente. O César guerreiro não obscurece o César juiz, nem o César protetor do intelecto e das artes. *Dotibus ingenium vernat, non exulat artes, nec studium regimen imperiale fugat.* (v. 25-26)

5. Qualquer que seja a emoção com a qual acolhamos as primeiras obras escritas em línguas vulgares, torna-se forçoso afirmar que o conjunto de obras latinas do século XII são de primeira linha, tanto por sua qualidade como por sua quantidade, e que, redigidas em uma língua que soube evoluir, podem-se comparar com muitas obras primas da Antigüidade clássica.

Esse equilíbrio se alterou, pouco a pouco, a partir do século XII, e essa alteração reflete uma evolução social considerável. O desenvolvimento de categorias sociais, como a pequena nobreza e a burguesia, e seu acesso a uma cultura que pouco devia ao latim fez com que crescesse a pública acolhida às literaturas nacionais. A expansão universitária, as múltiplas traduções de Aristóteles e outros autores antigos fizeram com que predominasse o caráter escolar do latim. A gramática é somente uma arte prática, e o latim se converte na "língua técnica do pensamento abstrato" (Wolff, 1971, 196), servida por uma habilidade de expressão e uma riqueza léxica que, pouco a pouco, moldarão as novas línguas.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No final do século XIII, anunciou-se, pois, uma Europa nova.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CARPEAUX, Otto Maria, *Literatura grega e o mundo romano*. Rio: Ediouro, [s./d.].

CURTIUS, Ernest R.. *Literatura européia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FARAL Edmond. *Les arts poétiques du XII<sup>e</sup> et du XIII<sup>e</sup> siècle: recherches et documents sur la technique littéraire du Moyen Âge*. Paris: Librairie. Honoré Champion, 1971. (Desta obra foi extraído o texto em estudo, p. 106 a 193).

WOLFF, Philippe. *Origen de las lenguas occidentales*; 100 – 1500 D. C. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1971.